



Recebido em:
23/07/2017
Aprovado em:
25/07/2017
Editor Respo.: Veleida
Anahi
Bernard Charlort
Método de Avaliação:
Double Blind Review
E-ISSN:1982-3657
Doi:

O ELO ENTRE APRENDIZAGEM E AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA CORRELAÇÃO ENTRE O PROFESSOR/ALUNO E ALUNO/PROFESSOR

ALEX MARTINS DO NASCIMENTO
DÉBORAH DOS SANTOS

EIXO: 5. EDUCAÇÃO E INFÂNCIA

Este artigo tem como objetivo principal discutir a relação de afetividade entre professor/aluno que é de extrema importância para o desenvolvimento de aprendizagem saudável entre os educandos da educação infantil e adaptação dos mesmos ao meio físico e social, além do seu processo de socialização. O desenvolvimento do aluno tem um valor imprescindível para o processo de construção de conhecimentos e da realidade em que ele vive. Dentre os autores pesquisados nesse trabalho, destacam-se Piaget (1985), Vygotsky (1934), a LDB 9.394/96, Saltini (1997), Mutschele (1994), dentre outros. A metodologia utilizada foi pesquisa bibliográfica aprofundando e discutindo o tema em estudo, sendo assim pode-se dizer que a afetividade é a mistura do todo, de todos os sentimentos, que ensina a aprender e cuidar adequadamente de todas as emoções e que proporciona ao sujeito uma vida emocional plena e equilibrada.

Palavras-chaves: Aprendizagem. Desenvolvimento. Afetividade.

ABSTRACT:

This article aims to discuss the affective relationship between teacher / student that is extremely important for the development of healthy learning among the children's education students and their adaptation to the physical and social environment, as well as their socialization process. The development of the student has an essential value for the process of building knowledge and the reality in which he lives. Among the authors studied in this study, we highlight Piaget (1985), Vygotsky (1934), LDB 9.394/96, Saltini (1997), Mutschele (1994), among others. The methodology used was a bibliographical research, deepening and discussing the theme under study, so it can be said that the affectivity is the mixture of the whole, of all the feelings, that teaches to learn and to take care properly of all the emotions and that it provides to the subject A full and balanced emotional life.

Keywords: Learning. Development. Affectivity.

1. INTRODUÇÃO

O objetivo principal deste estudo é discutir a relação afetiva entre professor/aluno, fator esse de extrema importância para que o aluno possa se desenvolver de forma progressiva dentro da sala de aula, e ter um bom relacionamento não só com o seu educador, mas também com os colegas e a família.

O tema foi escolhido devido as observações feitas durante os estágios, pois se viu que muitos educadores não tinham uma relação afetiva com seus alunos e os mesmos, por coincidência ou não, tinham uma certa dificuldade de aprendizagem, de concentração, de atenção e de uma boa interação com a turma. A relação de laços de afeto entre

educador e educando permite desenvolver sujeitos que sejam responsáveis para assumirem seus próprios atos, honestos, responsáveis e críticos, para que o educando desenvolva boas diferenças individuais e comportamentais.

A metodologia utilizada nesse estudo foi, prioritariamente, bibliográfica com base em Piaget (1985), Vygotsky (1934), a LDB 9.394/96, Saltini (1997), Mutschele (1994), autores renomados que entendem a afetividade como algo de suma importância para o desenvolvimento das crianças em todos os aspectos, pois a mesma está envolvida na educação infantil revela que o educando serve de continente para a criança, para que ela possa depositar seus sentimentos, onde ela se sinta acolhida, protegida, e o professor deve lhe demonstrar paciência e atenção para que a criança possa ter mais interesse em aprender e a lidar com as pessoas que estão ao seu redor. Daí esse trabalho foi baseado em muito estudo dessa temática, com realização de fichamentos, citações e fortes referências para fundamentar o determinado trabalho.

O presente trabalho fala sobre “Afetividade”, algumas características, relação professor/aluno, seu conceito, alguns projetos voltados a Pedagogia. Onde é preciso manter laços afetivos entre educando e educador, escola e família, e o desenvolvimento da afetividade do lúdico com a educação infantil.

2.1 CARACTERÍSTICAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Educação Infantil é a fase que envolve crianças de 0 a 6 anos de idade, considerada a primeira etapa da Educação Básica. Seu objetivo é o desenvolvimento integral das crianças, ou seja, não apenas o cognitivo, mas também o físico e o sócio emocional. Esta fase está dividida em dois segmentos: creche (crianças de 0 a 3 anos) e pré-escola (crianças de 4 a 5 anos e 11 meses).

A primeira infância é um período crucial na vida das crianças, pois é nesta fase que elas adquirem capacidades fundamentais para o desenvolvimento de habilidades que irão impactar na sua vida adulta. Por isso, cuidar da Educação Infantil é cuidar do futuro das nossas crianças.

Desse modo, Piaget (1985) aponta para a adaptação da criança à nova realidade. Segundo o autor, através dos mecanismos de assimilação (incorporação do mundo à experiência do sujeito, ou seja, o movimento de busca do novo) e acomodação (transformação das formas de conhecer do sujeito em função do novo que foi assimilado, ou seja, movimento de mudança no sujeito), o desenvolvimento infantil acontece num processo de equilíbrio (busca constante de equilíbrio entre o meio e o sujeito).

Tudo isso ocorre nos períodos chamados de sensório-motor, pré-operacional, operações concretas e operações formais. A seguir, destacamos os dois períodos que dizem respeito às crianças até 6 anos, segundo Piaget (1985, pág. 26)

- Período sensório-motor – até mais ou menos 3 anos: as formas de assimilação do meio são sensoriais (tato, gosto, audição, cheiro) e motoras, ou seja, pela ação corporal.
- Período pré-operacional – dos 3 aos 6 anos: caracteriza-se pela ação mental da criança sobre o meio. Surge o faz de conta, a possibilidade de contar o que aconteceu no passado e planejar o futuro, a socialização das experiências pela linguagem. O pensamento é intuitivo, aproximativo e não lógico ainda.

O trabalho desenvolvido por Vygotsky (1934) destacando a focalização das experiências socioculturais como constituidoras da criança. O autor aborda o processo de internalização como formas de comportamento interpessoais (entre as pessoas) que se tornam intrapessoais (de cada uma), abrindo espaço para a criação singular a partir dos referenciais coletivos. É na relação com o outro (através da mediação dele) que a criança internaliza as formas culturais de sua sociedade (linguagem, símbolos, gestos etc.).

Vygotsky (1934) não trabalha com níveis padronizados de desenvolvimento (como Piaget faz com os períodos que assinalamos acima), mas afirma que todo o desenvolvimento, em qualquer área, percorre um processo que envolve o nível de desenvolvimento real (o que o sujeito realiza sozinho, sem ajuda), o nível de desenvolvimento potencial (o que o sujeito é capaz de realizar com auxílio de alguém mais experiente) e a zona de desenvolvimento proximal (distância entre nível real e proximal – o que hoje o sujeito realiza com ajuda e logo realizará sozinho –). Para este autor, a aprendizagem, ocorrência do campo social, impulsiona o desenvolvimento.

Wallon (1954) afirma que o ser humano é organicamente social. Para ele, todas as fases da vida humana são marcadas pelo entrelaçamento entre a afetividade, a cognição e a motricidade. Afeto, movimento e inteligência estão sempre em jogo na vida humana, em três períodos fundamentais:

- Período impulsivo emocional – quando o bebê se diferencia do mundo que o cerca através do “diálogoônico”, comunicação que se dá pelos gestos, toques, contato corporal. Predomina a afetividade.

Esse período é representado impulsividade nas emoções e sentimentos das crianças e é através disso que ela se comunica com as outras pessoas por diversos meios: gestos, sons, contato com corpo, toques, uma impulsão adquirida por intermédio dos fatores externos que estão a sua volta. Como nessa fase predomina a afetividade deve ser muito bem explorado e trabalhado na criança para que não sofra consequências futuras.

- Período projetivo – quando ocorre a interiorização do ato motor, ou seja, a intensidade dos movimentos do bebê transforma-se em atividade mental.

Nesse período, a criança já consegue reproduzir o que aprendeu colocando sua parte motora para funcionar, daí surgem os primeiros passos, as primeiras quedas, tropeços, é uma parte importante em sua formação física/motora e é essa mesma que a criança levará para escola para ser trabalhada sua coordenação motora fina e grossa que interfere, negativa e positivamente, em sua aprendizagem e escrita.

- Período personalista – percepção de si na relação com o outro (caracteriza-se por intensa negação) (1954, pág.26)

Nessa fase personalista a criança relaciona-se com as outras percebendo-se no convívio social, interagindo de forma atrativa com os outros, é um período de intensa negação, ela, quase sempre reage a uma ação do outro com um gesto negativo ou mesmo um não.

Foram explicitados os direitos da criança à educação, com a formulação das políticas públicas para a infância. O trabalho pedagógico adquiriu reconhecimento e ganhou uma dimensão mais ampla no sistema educacional, evidenciando a necessidade de se considerar à criança como um todo, para promover seu desenvolvimento integral.

O objetivo de garantir os direitos da criança só poderá ser determinado mediante a responsabilidade e colaboração das três esferas de governo-União, os Estados e Municípios, de acordo com as definições constitucionais e legais vigentes.

Partindo das políticas já existentes o conjunto do documento reflete as visões e ações específicas e próprias de cada uma destas esferas governamentais responsáveis pela Educação Infantil, no contexto de discussões para formulação de políticas públicas nesse processo e definição de estratégias adequadas para a qualidade da educação das crianças de suas necessidades, especificidades e singularidades. Através de intervenções pedagógicas considerando o desenvolvimento de cada faixa etária.

A qual deve estar dentro de uma perspectiva, onde este nível de ensino deva acontecer de maneira articulada e na interação com as instituições de Educação Infantil e outros segmentos, parceiros de responsabilidade compartilhada, no contexto das políticas públicas para as crianças de 0 a 6 anos. Buscando-se assim uma maior compreensão sobre a identidade da educação infantil.

Considerando que a cultura infantil é, pois, produção e criação, olhando enquanto educador o mundo a partir do ponto de vista da criança podendo nos levar a uma outra maneira de se ver a realidade. Nesse sentido, a LDBEN 9.394/1996 abrange os mais diversos tipos de educação: *educação infantil* (agora sendo *obrigatória para crianças a partir de quatro anos*); *ensino fundamental*; *ensino médio* (estendendo-se para os jovens até os 17 anos). Além de outras modalidades do ensino, como a educação especial, indígena, no campo e ensino a distância. Cabe a nós, brasileiros, segui-la, tornando a educação muito mais humana e formativa. Mesmo porque o sistema educacional envolve a família, as relações humanas, sociais e culturais.

É por meio da LDB 9.394/96 que encontramos os *princípios gerais da educação*, bem como as finalidades, os

recursos financeiros, a formação e diretrizes para a carreira dos profissionais da educação. Além disso, essa é uma lei que se renova a cada período, cabendo à Câmara dos Deputados *atualizá-la conforme o contexto em que se encontra a nossa sociedade*. Como exemplo, antes o período para terminar o ensino fundamental era de 8 anos. Após a atualização da LDB, o período se estendeu para 9 anos, com idade inicial de 6 anos. Outras atualizações foram feitas, como a revogação dos parágrafos 2º e 4º do Artigo 36, da seção IV, que trata do ensino médio. Daí a importância de sua publicação, visando nortear o povo brasileiro, assegurando-lhe seus direitos e mostrando os seus deveres.

Desde sua promulgação, ocorreram *inúmeras atualizações na LDB 9.394/96*. A última atualização ocorreu este ano, por meio da *Lei 12.796, de 4 de abril de 2013*. Essas alterações visam buscar melhorias para a nossa educação, sempre primando pelo direito universal à educação para todos. Uma das mudanças altera a LDB – Educação Infantil. A partir de agora, crianças com 4 anos na escola não serão mais uma opção dos pais. Aos que desobedecerem aos novos parâmetros da LDB, poderão ser punidos com multa ou detenção de 15 dias. Outra mudança bastante significativa é quanto ao currículo da educação infantil. Este deve seguir a mesma base em todo o país, *respeitando a diversidade cultural de cada região*. Além disso, o educador deverá *acompanhar e avaliar o desenvolvimento das crianças*, mas sem o objetivo de aprová-las ou reprová-las. Para a União Nacional dos Conselhos Municipais de Educação, tais mudanças representam a *democratização do ensino no Brasil*.

2.2 RELAÇÃO PROFESSOR X ALUNO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Por ser considerada o primeiro agente social fora do círculo familiar da criança, a escola representa o cerne da aprendizagem, por isso ela deve oferecer todas as condições necessárias para que a criança se sinta amada, segura e protegida. Assim, é necessário que haja relações interpessoais positivas, afim de que a criança se desenvolva de forma saudável, física e psicologicamente. Além disso, é necessário que haja por parte dos profissionais da escola atitudes positivas em relação aos educandos, como aceitação e apoio, de forma a garantir o sucesso dos objetivos educativos.

A criança tem uma necessidade natural de ser amada, aceita, acolhida e ouvida, e, neste sentido, o professor é quem desempenha esse papel e encaminha o aluno no caminho da motivação, da busca e do interesse. O empenho desse profissional se reflete na sua preocupação com os gostos e anseios das crianças, que diferem em sua percepção de mundo de acordo com a idade.

A afetividade na educação infantil nos remete ao domínio da psicologia do desenvolvimento, ressaltando-se aí, nomeadamente, o enfoque cognitivo-desenvolvimentista de Jean Piaget (1985), que foi um dos grandes estudiosos da Psicologia do Desenvolvimento, dedicando-se exclusivamente ao estudo do desenvolvimento cognitivo.

Podemos dizer que é na infância que a criança passa a conhecer e adaptar-se ao meio em que vive. Piaget (1985) definiu, portanto, essa fase em quatro pontos principais: significação da infância, estrutura do pensamento infantil, leis de desenvolvimento da vida infantil e os mecanismos da vida social infantil. Esses pontos foram norteados na observação experimental, concluindo, assim, na existência de quatro estágios ou fases do desenvolvimento da inteligência, por meio dos quais se caracteriza a construção do conhecimento pela criança. Os estágios são os seguintes:

- Estágio Sensório motor (0 – 2 anos): Nessa fase do desenvolvimento, a inteligência da criança aplica-se a situações e ações concretas. Há o desenvolvimento inicial das coordenações. É também o período da diferenciação entre os objetos e o próprio corpo.
- Estágio Pré - operatório (2 – 6 anos): Também chamado de Período Intuitivo. Nessa fase são notáveis o desenvolvimento da capacidade simbólica (distinção entre símbolos mentais, imagens e palavras), o grande aumento da capacidade verbal, visto que é nesse estágio que surge a “fase dos porquês”, onde a criança pergunta quase todo o tempo, e a exteriorização das características psicológicas, tais como o egocentrismo, a intuição, etc., além da relação direta do pensamento com as ações externas.
- Estágio Operatório-concreto (7 – 11 anos): A criança é capaz de fazer ordenações de elementos, organizando-os de forma lógica ou operatória. Já domina uma linguagem

socializada, estabelecendo uma conversação compreensível. Surge a capacidade de reconhecer regras e obedecê-las, estabelecendo compromissos.

- Estágio Operacional-formal (11 anos) – Também chamado de Operatório Abstrato. É a fase da consolidação do pensamento lógico-matemático. O indivíduo liberta-se do concreto e desenvolve relações de interação, a fim de obter as conclusões que lhe serão úteis para o seu aprendizado futuro.

Os estudos de Piaget (1985) constituem fonte indispensável para o professor que deseja realizar um trabalho proveitoso em sala de aula. Considerando-se que, no âmbito da educação infantil, a interação da professora com seus alunos é constante na sala de aula, no pátio ou nas brincadeiras, podemos concluir que essa proximidade afetiva é muito importante, pois é através dela que se dá a interação com os objetos e a construção de um conhecimento motivador para as crianças.

Ainda falando sobre a interação entre docentes e discentes, Saltini (1997) afirma que essa inter-relação é o fio condutor, o suporte afetivo do conhecimento. E complementa dizendo que:

Neste caso, o educador serve de continente para a criança. Poderíamos dizer, portanto, que o continente é o espaço onde podemos depositar nossas pequenas construções e onde elas tomam um sentido, um peso e um respeito, enfim, onde elas são acolhidas e valorizadas, tal qual um útero acolhe um embrião. (SALTINI, 1997, pág. 89)

Assim, o autor reafirma que para que a criança se sinta segura e protegida, é fundamental a presença de um educador que tenha consciência de sua importância, como um agente transformador, e não meramente um transmissor de conhecimento.

A criança, ao entrar na escola, inicia uma nova experiência, para ela é um mundo novo e cheio de descobertas a se abrir. Psicologicamente, há uma necessidade de aceitação muito grande, visto que a criança deixa a família para ingressar num novo mundo social onde tudo é novo. Assim, segundo Marly Santos Mutschele (1994, p.103), ela precisa se sentir acolhida ao ingressar na escola pela primeira vez, para que esta experiência, que para ela é tão nova e diferente, se torne agradável. Quando percebe o carinho da professora, seguido de qualidades tais como paciência, dedicação e interesse, a criança se sente motivada e consequentemente a aprendizagem torna-se mais motivadora. Por isso, o professor deve se empenhar em perceber as necessidades da criança, aproveitando ao máximo suas capacidades e trabalhá-las de forma a voltá-las para o ensino. Sobre isso, Saltini (1997, p. 91) comenta:

A serenidade e a paciência do educador, mesmo em situações difíceis, faz parte da paz que a criança necessita. Observar a ansiedade, a perda de controle e a instabilidade de humor, vai assegurar à criança ser o continente de seus próprios conflitos e raivas, sem explodir, elaborando-os sozinha ou em conjunto com o educador. A serenidade faz parte do conjunto de sensações e percepções que garantem a elaboração de nossas raivas e conflitos. Ela conduz ao conhecimento do si mesmo, tanto do educador quanto da criança.

De forma contrária, o autoritarismo, a rispidez e a falta de interesse do educador podem levar o aluno a perder a motivação e o interesse pela aprendizagem, além de prejudicar em longo prazo o aprendizado, pois o aluno desmotivado irá sempre relacionar o professor à determinada matéria, perdendo totalmente o interesse por ela. O professor deve ter a sensibilidade de entender as necessidades e respeitar a maturidade do educando, precisando, segundo Saltini (1997, p. 91),

[...] encorajar a criança a descobrir e inventar, sem ensinar ou dar conceitos prontos. A resposta pronta só deve ser dada quando a pergunta da criança focaliza um ato social arbitrário (funções do objeto cotidiano). Manter-se atento à série de descobertas que as crianças vão fazendo, dando-lhes o máximo de possibilidades para isso. Dar atenção a cada uma delas, encorajando-as a construir e a se conhecer. Dar maior incentivo à pergunta que à resposta. Sempre buscando no grupo a resposta, o professor procurará sistematizar e coordenar as ideias emergentes.

A relação que se estabelece com o grupo como um todo e a pessoal com cada criança é diferenciada em todos os seus aspectos quantitativos e cognitivos, respeitando-se a maturidade de seu pensamento e a individualidade.

Partindo desta afirmação, crianças pequenas (que se encontram no período sensório-motor) por exemplo, têm como necessidade de desenvolvimento manipular objetos, não apenas com as mãos, mas com várias partes do corpo, e o professor deve estar atento a essa necessidade.

É importante, também, a atenção do professor quanto ao fato de que, na idade pré-escolar, a criança não sabe dominar suas paixões, portanto ela exterioriza seus sentimentos de forma muito mais intensa, sincera e involuntária do que no adulto, conforme assinala Mukhina (1998, p. 209) “os sentimentos da criança brotam com força e brilho, para se apagarem em seguida; a alegria impetuosa é muitas vezes sucedida pelo choro”.

Há momentos em que as crianças, por serem tão autênticas em seus sentimentos, protagonizam verdadeiras explosões de raiva. Nestes momentos, o professor precisa ter muita paciência e habilidade, procurando manter um diálogo com a criança, a fim de avaliar o motivo de tais explosões, usando o tato, demonstrando carinho, se ela assim o permitir; em suma, é um trabalho quase terapêutico.

Também deve ser mantido um tratamento igualitário entre as crianças, evitando comparações ou diferenciações entre uma e outra criança. Isso é altamente prejudicial, pois essas ações são prejudiciais ao desenvolvimento psico-afetivo da criança. Em relação a essas prescrições, Saltini (1997, p.92) indica que o interesse da criança é a chave mestra para o processo de ensino aprendizagem e para o trabalho envolvendo a afetividade, visando assim o entusiasmo do grupo e energizando o conhecimento.

2.3 CONCEITUANDO AFETIVIDADE

A afetividade pode ser definida em diferentes perspectivas, entre elas sob a perspectiva da filosofia, da psicologia e da pedagogia. Iremos neste trabalho abordar a afetividade na perspectiva da pedagogia, pois ao falarmos sobre afetividade temos que considerar as emoções, que são expressões da vida afetiva e que são acompanhadas de reações e sentimentos.

Como conceito de afetividade podemos citar o amor como referência, pois o amor é definido através dos sentimentos, e, assim, a afetividade torna-se a dinâmica mais profunda e complexa de que o ser humano pode participar.

A afetividade é a mistura do todo, de todos esses sentimentos, que ensina aprender e cuidar adequadamente de todas essas emoções e que vai proporcionar ao sujeito uma vida emocional plena e equilibrada.

Segundo o dicionário Aurélio, afetividade é uma palavra feminina e está definida como conjuntos de fenômenos sobre a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre dá impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagrado de alegria ou tristeza. Existe uma grande divergência quanto à conceituação dos fenômenos afetivos, vejamos então o que dizem alguns autores que tentam realmente explicar a afetividade, já que esse sentimento é estudado em diferentes áreas do conhecimento.

Para WALLON (1954, p. 288), educador e médico francês

A afetividade é um domínio funcional, cujo desenvolvimento dependente da ação de dois fatores: o orgânico e o social. Entre esses dois fatores existe uma relação recíproca que impede qualquer tipo de determinação no desenvolvimento humano, tanto que a constituição biológica da criança ao nascer não será a lei única do seu futuro destino. Os seus efeitos podem ser amplamente transformados pelas circunstâncias sociais da sua existência onde a escolha individual não está ausente.

Baseando-se nesses conceitos, podemos dizer que a afetividade constitui um domínio funcional tão importante para a vida social e emocional de um indivíduo que mostra a revelação de carinho ou cuidado que se pode ter com alguém íntimo e querido, permitindo assim ao ser humano demonstrar os seus sentimentos e emoções a outro ser,

sendo um laço criado entre os seres humanos para representar a amizade mais aprofundada.

A afetividade é um estado psicológico do ser humano que pode ou não ser modificado a partir das situações. Para Piaget, segundo o artigo Mundo Educação (Psicologia, maio de 2010).

tal estado psicológico e de grande influência no comportamento e no aprendizado das pessoas juntamente com o desenvolvimento cognitivo. Faz-se presente em sentimentos, desejos, interesses, tendências, valores e emoções, ou seja, em todos os campos da vida.

Segundo ainda as ideias de Wallon (1954, p. 42), “a afetividade seria a primeira forma de interação, com o meio ambiente e a motivação primeira do movimento [...]. As emoções são, também, a base do desenvolvimento do terceiro campo funcional, as inteligências”. O autor fundamentou suas ideias em quatro elementos básicos que se comunicam o tempo todo: a afetividade, o movimento, a inteligência e a formação do eu como pessoa. As emoções têm um papel predominante no desenvolvimento da pessoa. É por meio delas que o aluno exterioriza seus desejos e suas vontades.

Outro pedagogo que também buscou analisar as relações de afetividade entre as crianças foi Vygotsky (1934), delineando um percurso histórico acerca do tema e explicando a transição das primeiras emoções elementares para as experiências emocionais superiores, especialmente no que se refere à questão dos adultos terem uma vida emocional mais refinada que as crianças. Ele defende que as emoções não deixam de existir, mas se transformam, afastando-se da sua origem biológica e construindo-se como fenômeno histórico cultural.

Assim, os autores Wallon (1954) e Vygotsky (1934) enfatizam a íntima relação entre afeto e cognição, tendo suas ideias relacionadas no que dizem respeito ao papel das emoções na formação do caráter e da personalidade.

Ainda na busca de definir o conceito de afetividade, sob a perspectiva da pedagogia, seguimos com as ideias de Gabriel Chalita (2004, p. 33) que nos traz que: “[...] afetividade é ter afeto no preparo, afeto na vida e na criação. Afeto na compreensão dos problemas que afligem os pequenos [...]”.

De acordo com as definições, é possível perceber a importância dos vínculos afetivos na vida da criança, pois trata-se de um ser que está em pleno desenvolvimento. A partir do argumento que ressalta que a educação da criança começa com a família e depois passa para a escola, podemos mostrar e provar que a afetividade sempre aparece ligada à educação, seja ela formal ou informal.

Sendo assim, afetividade é a dinâmica mais complexa de que o ser humano é capaz de lidar, e acontece a partir do momento em que o sujeito se liga a outro pelo amor, constituindo assim um amplo aspecto de sentimentos associados à história das relações sociais, onde a criação dos vínculos afetivos deve ser compartilhada para que os laços afetivos se solidifiquem.

1. PROJETOS VOLTADOS A PEDAGOGIA AFETIVA

Na educação infantil o educador pode trabalhar com projetos desde o berçário, levando em conta que a metodologia aplicada será bastante diferenciada e que ele terá que estudar todas as possibilidades para promover a aprendizagem dos bebês envolvidos. Visto que, trabalhar com este grupo exige um amplo conhecimento em função das suas dimensões cognitivas, afetivas, sociais e culturais. Ainda de acordo com Barbosa e Horn (2008, p. 72):

Com essas características, fica evidente que as crianças bem pequenas necessitam de um modo muito específico de organização do trabalho pedagógico e do ambiente físico. Nessa perspectiva, os projetos podem constituir-se em um eficiente instrumento de trabalho para os educadores que atuam com essa faixa etária. Os projetos com bebês têm seus temas derivados basicamente da observação sistemática, da leitura que a educadora realiza do grupo e de cada criança. Ela deve prestar muita atenção ao modo como as crianças agem e procurar dar significado às suas manifestações. É a partir dessas observações que vai encontrar os temas, os problemas, a questão referente aos projetos.

Faz-se necessário que o ambiente físico reservado as crianças pequenas seja bem planejado e organizado para recebe-las com suas particularidades para cada idade, assim como todo o trabalho de educadores, cuidadores, auxiliares seja bastante qualificado.

Para isso, é preciso que o trabalho pedagógico inclua projetos para cada faixa etária, seja realmente um ambiente educador e de desenvolvimento progressivo.

Como podemos verificar, o educador infantil tem que se submeter a um estudo detalhado em torno das crianças antes de programar o que será aprendido e assim proporcionar projetos voltados para o que elas precisam adquirir durante o seu desenvolvimento integral. Portanto, para que o educador seja um facilitador competente nas suas atribuições é de extrema importância focar-se na sua atualização permanente, alicerçando sempre o seu fazer pedagógico nos quatro pilares da educação, sendo estes: aprender a conhecer, aprender a ser, aprender a conviver e aprender a fazer.

Soma-se a isto que adquirir na carreira profissional múltiplas competências e habilidades é essencial para se destacar no mercado de trabalho e um dos caminhos para adquirir este atributo é ter a atitude de aprender a aprender, pois “para ser professor, mais do que ensinar é preciso gostar de aprender, o que implica compreender que formação científica, cultural e política não para, mas continua”, segundo MACHADO (p. 129).

Por isso na formação continuada o educador tem que ter em mente que a prática se faz juntamente com a pesquisa, é nela que ele tem que focar o seu conhecimento, buscando sempre inovar seu modo de agir em sala de aula e o ato de questionar o saber-fazer é fator primordial no seu condicionamento.

A respeito disso Freire (1996, p. 29) contribui com as seguintes palavras:

Não há ensino sem pesquisa e nem pesquisa sem ensino. Esses que fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, procurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

De acordo com a citação de Freire exposta a cima pode-se dizer que não se concebe um ensino sem ter profissionais pesquisadores, nem uma pesquisa que não traga ensino. Um está interligado ao outro, sem mais nem menos.

Para tanto é importante salientar que a formação permanente se faz no elo entre teoria e prática, uma complementando a outra, principalmente porque é difícil e praticamente impossível desenvolver um trabalho eficiente e promissor com somente um desses conhecimentos. Neste processo de revigorar a prática docente, o formador tem que utilizar constantemente da ação reflexiva, reestruturar sua metodologia, mostrar para que veio e que é um cidadão ativo e participante do seu próprio crescimento.

Como enfatiza Alarcão

A noção de professor reflexivo baseia-se na consciência da capacidade de pensamento e reflexão que caracteriza o ser humano como criativo e não como mero reproduzidor de ideias e práticas que lhes são exteriores. É central, nesta conceptualização, a noção do profissional como uma pessoa que, nas situações profissionais, tantas vezes incertas e imprevistas, atua de forma inteligente e flexível, situada e reativa (2003, p.41).

A autora destaca bem ao lado do professor criativo, envolvido com o seu trabalho, que saiba lidar com as diferentes situações existentes na sala de aula e que reage de acordo com o que está acontecendo ao seu redor.

O desenvolvimento profissional do facilitador infantil só é garantido por meio de uma aprendizagem que norteie, ou melhor, que envolva o mundo da criança pequena, ele tem que pensar na criança que irá formar e amadurecer seu pensamento no sentido de que seu crescimento se dará em sintonia com este pequeno ser humano.

De acordo com Machado (2008, p. 149):

Um mundo onde a profissional idade é tão complexa exige, com certeza, uma jornada de crescimento e de desenvolvimento ao longo do ciclo de vida. Envolve crescer, ser, sentir, agir permanentemente; é um processo de desenvolvimento e aprendizagem ao longo da vida. Envolve crescimento, como o da criança, requer empenhamento, com a criança, sustenta-se na integração do conhecimento e da paixão. Esta perspectiva de aprendizagem ao longo da vida leva-nos a conceptualizar o desenvolvimento profissional como uma caminhada que decorre ao longo de toda a vida; uma caminhada que tem fases, que tem ciclos, que pode não ser linear, que se articula com os diferentes contextos sistêmicos que a educadora vai vivenciando.

Nesse sentido o educador que desenvolve seu trabalho junto com o desenvolvimento de suas as crianças, não articula somente saberes, mais também sentimentos que fazem uma enorme diferença nesta caminhada. E nessa jornada de crescimento profissional encontra-se muitos obstáculos pelo caminho, mas sempre existirá um ensino/aprendizagem para “solucionar” tão problema.

As crianças aprendem muito mais quando o educador demonstra interesse por eles, pelo que estão sentindo e passando e é a partir da empatia que ele conquistará o respeito e o carinho eterno das mesmas.

Em vista disso a formação dos educadores precisa de um choque térmico para que possa suprir as necessidades dos alunos e isso só será possível com muita força de vontade por parte dos educadores, principalmente porque “não há ensino de qualidade, nem reforma educativa, nem renovação pedagógica sem uma adequada formação de professores”, aos pensamentos de Nóvoa *apud* Machado (p. 195).

Sendo que está adequada formação docente também se faz nos espaços tempos da instituição infantil, onde não só educador e criança trocam experiências, mais todos os outros (as) profissionais que fazem parte da instituição infantil, utilizando assim da reciprocidade aprendendo e ensinando ao mesmo tempo, tornando-se praticantes ativos nesse processo contínuo.

Conforme sustentam Azevedo e Alves:

Conversas entre professores/as sobre suas experiências cotidianas nas salas de aula, incluindo, sem grandes formalidades, algumas declarações catárticas, ocorrem nos diferentes espaços tempos da Escola. Essas conversas, que ocorrem entre uma e outra aula, na hora do recreio, da entrada ou da saída, demonstram que o aprender e o ensinar são partes de um mesmo processo, que não exclui o professorado; ao contrário, amplia e ressignifica seus saberes construindo e orientando sua formação, tecida pelas e nas redes de relações/interações vivenciadas no cotidiano. Naquele espaço tempo, há pistas e situações concretas que nos ensinam e desvelam os caminhos da formação (2004, p. 44).

Por conseguinte, este papel de educador aprendente de novas contribuições precisa basear-se em questões que norteiam sua ação docente, principalmente nesta questão de lidar com crianças em permanente desenvolvimento. É neste sentido, que os profissionais da educação têm que repensar a sua prática, indagando seus saberes para que o seu trabalho seja desenvolvido com grande propriedade e eficácia.

Assim, seja qual for a metodologia de ensino aplicada aos alunos, fica claro a necessidade de profissionais altamente capacitados para lidar com qualquer modalidade de ensino e isso só será possível se eles potencializarem seus ensinamentos.

1. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do objetivo principal deste trabalho que foi discutir a relação afetiva entre professor/aluno, fator esse de extrema importância para que o aluno possa se desenvolver de forma progressiva dentro da sala de aula e ter um bom relacionamento não só com o seu educador, mas também com os colegas e a família, conclui-se que o relacionamento afetivo e emocional da criança é de suma importância para a construção de sua formação intelectual,

social, motoro e cognitiva.

Nesse desmembramento da função da educação infantil para a formação social da criança se encaixa a percepção do educador nas fases de vida dessa criança, por isso é fundamental que os professores estejam sempre em formação para acompanhar o desenvolvimento desses alunos.

Essa fase da educação infantil é primordial para o progresso na adolescência e vida adulta. De acordo com os autores visto nesse trabalho é preciso ter um olhar diferenciado para essa faixa etária, pois é nela em que muita coisa é definida e construída.

Os saberes que serão passados nessa fase dar-se-ão aos educandos um direcionamento nas outras etapas de sua vida, por isso é necessário cautela, compreensão, paciência, disposição física e mental, disponibilidade e preparo físico e intelectual para lidar com as crianças nessa etapa tão importante de suas vidas.

A pesquisa mostrou que a afetividade é de fundamental importância em todas as etapas da vida, principalmente na infantil, sendo assim há uma parceria e junção de professores que se identificam com essa fase de grandes descobertas, formações e aproveitamentos.

A psicologia da educação também vem contribuindo e proporcionando a todos, uma verdadeira inclusão social onde não haja restrições. E neste sentido que todos os elementos cognitivos influenciem diretamente na memorização que é de sua responsabilidade, como a percepção, as interpretações, compreensão, análise visão e raciocínio lógico.

Para que isso possa acontecer com grande relevância é necessário que o nosso psíquico esteja totalmente organizado para que toda essa influência possa fazer parte das aprendizagens formais e sociais.

Muitos ainda pensam que basta ter o título de Professor/educador para que isto dê um prestígio tal, que todo o grupo vai obedecer, automaticamente, a pessoa que dirige, simplesmente por ter sido investida de autoridade. Em casa, há uma relação de autoridade entre pais e filhos e a criança possui também uma posição privilegiada. Na escola, o aluno se torna mais um integrante do grupo, aprende a lidar com regras e tem suas ações dependendo de suas relações. Cabe aos educadores contribuir para o aprendizado do conhecimento e do convívio em sociedade e buscar maneiras de lidar com os conflitos inerentes ao processo. Isso requer boa formação, estudo coletivo, envolvimento da equipe, reflexão, avaliação e aperfeiçoamento.

Nota-se então que, desde o nascimento, o indivíduo está acostumado a obedecer aos pais e posteriormente aos professores, até acabar os estudos, efetuando-se uma simples transferência da autoridade pedagógica à autoridade de grupo. E dentro de qualquer grupo social, o líder é a peça mestra, catalisadora das energias individuais. Devendo-se como ponto consecutivo, dar atenção toda especial aos dirigentes, quando se quer criar, modificar ou aperfeiçoar uma coletividade, como uma turma de alunos. Deve-se então tomar cuidado, não somente na sua escolha, mas também na sua formação e no seu aperfeiçoamento.

1. REFERÊNCIAS

AZEVEDO, J. G.; ALVES, N. G. (orgs.). Formação de professores: possibilidades do imprevisível. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. BARBOSA, M. C. S.; HORN, M. G. S.

(Coleção PROINFANTIL; Unidade 2) Módulo II / Karina Rizek Lopes, Roseana Pereira Mendes, Vitória Líbia Barreto de Faria, organizadoras. – Brasília: MEC. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação a Distância, 2005. 70p.

Disponível em: <http://vemconferir.blogspot.com.br/2010/10/desenvolvimento-infantil-piaget.html> Acesso em: 02/11/2016

Disponível em: <http://www.cpt.com.br/ldb/lei-de-diretrizes-e-bases-da-educacao-completa-interativa-e-atualizada>

Acesso em: 02/11/2016

Disponível em: <http://elisabethbauerinfancia.blogspot.com.br/2007/07/educacao-infantil-finalidades-e-metas.html> Acesso em: 02/11/2016

LARCÃO, I. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. São Paulo: Cortez, 2003. 53 Revista Educação e Linguagem – Artigos – ISSN 1984 – 3437. Vol. 7, n ° 1 (2013).

LÜDCKE, Menga André. Pesquisa Em Educação: Abordagens Qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MUTSCHELE, Marly Santos. Problemas de aprendizagem da criança: causas físicas, sensoriais, neurológicas, emocionais, sociais e ambientais. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1994.

Projetos e práticas pedagógicas na educação infantil. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

Pedagogia dos projetos: uma jornada interdisciplinar rumo ao desenvolvimento das múltiplas inteligências. São Paulo: Érica, 2009

PIAGET, Jean. Psicologia e Pedagogia. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1985.

SALTINI, Cláudio J.P. Afetividade e inteligência. Rio de Janeiro: DPA, 1997.

Graduada em Pedagogia pela Faculdade Raimundo Marinho de Penedo (FRMP), graduada em Letras pelo Instituto Federal de Alagoas (IFAL), especialista em Linguagem e Práticas Sociais pelo Instituto Federal de Alagoas (IFAL) e mestranda em Linguística pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Atualmente atua como docente da educação básica na rede municipal de Arapiraca-AL. E-mail: deborahsantos21@hotmail.com. Graduando em Letras pelo Instituto Federal de Alagoas (IFAL) e pós graduando a nível de especialista em Produção de Texto: teoria e prática pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Candeias (FAC). Atualmente atua como Auxiliar Administrativo em um supermercado. E-mail: alexmartins.letas@hottmail.com